



ITINERÂNCIAS A PARTIR DO SUL – 2

As Viagens do Ulisses

Partimos, como sempre, cheios de ilusão. Planeamos ir pelo interior, por locais que não são de passagem habitual: porque fora dos eixos principais e deles não constam factos de realce. O objectivo é fazer uma visita aos povoados do interior até Garvão. Iremos começar por Monchique, na serra mais alta do Algarve, depois Sabóia – já Baixo Alentejo -, Sta. Clara-a-Velha, Odemira e no regresso visitaremos S. Teotónio e de seguida as praias de Aljezur, antes de regressarmos ao ponto de partida: Portimão.



Para alguns algarvios Monchique é a Sintra do Algarve... Alguma razão têm, pois Monchique, cascata de casas brancas, está implantada no meio do verde luxuriante da serra. Mas é um local com personalidade. As suas ruas estreitas e íngremes não permitem o trânsito da nossa unidade de turismo itinerante. É a pé que calcorreamos as suas ruas sinuosas e empinadas de casario mal tratado, no geral, e muito abandonado. Confrangedor. De resto é um casario em que pontuam casas de algum gabarito, o que é um regalo para os olhos. Tem uma igreja matriz muito digna de se visitar. O seu portal manuelino é raro. No interior destaca-se uma capela recoberta a azulejos que um iluminado assentou a eito, sem ordem, formando um quadro lastimável. Digno de ver é a paisagem que, de qualquer lado desta terra altaneira, se pode apreciar.

Apesar do esforço necessário para vencer a subida, fomos ao Convento de N.ª S.ª do Desterro, que encontramos completamente degradado. Não fosse a panorâmica, que dali se desfruta, seria completa perda de tempo.

Na praça central da vila, estava a funcionar uma nora, de recente instalação, peça decorativa do lugar, que não chega para fazer esquecer a má qualidade do local. Perto, o mercado, muito pequeno, mas com a particularidade de apresentar produtos que – ainda - são produzidos pelos próprios; fomos convencidos, pela apresentação, a carregar com óptimas batatas e laranjas.

Passamos ao lado das Caldas de Monchique e não chegamos ao Pico da Fóia, mas sabemos, por experiência, quanto estes locais são prazenteiros, gratificantes e recomendáveis. O nosso fito era ir mais além. Tínhamos percorrido 25 km pela EN266 e íamos continuar até Sabóia, a 30 km daqui. A estrada corre entre arvoredo denso. Há quatro anos viemos aqui propositadamente para testemunhar a desgraça que um incêndio de grandes proporções provocou. Agora, felizmente, assistimos à quase completa recuperação da floresta. A grande maioria das árvores refloresceram. Os cadáveres de muitas, que ainda lá estão, ficam diluídas no conjunto. Que alegria!

Para se chegar a Sabóia há que sair da estrada e tomar um desvio. Percorrida pouca distância estamos na entrada do povoado e logo por ali ficamos e iniciamos o nosso deambular. É sabido que os traçados destas pequenas terras são surpreendentes. Logo na entrada topamos com um arco com desenhos infantis a indiciar que ali há ensino e crianças. Ao lado uma espécie de mercado: duas bancas em quatro metros por três! Sem ninguém. A hora do mercado já teria passado. Uns quantos cafés, uma ou outra loja de comércio, dois ou três restaurantes. Tudo na estrada principal. Subimos até ao cume do monte onde se instala a casa de terceira idade que, viemos a saber, cuida da grande parte da população idosa, com fornecimento de refeições ao domicílio; segundo uma anciã com quem falamos e nos confidenciou ter vivido pelo Algarve, entre Faro e Portimão, quando jovem, mas que ali se sentia bem: “nem trovoadas aqui há...”. O que também não há, nalgumas das casas é casa de banho!... E embora muitas delas

estejam abandonadas, há as que estão ocupadas! Decrépitas estão muitas. Encontramos a igreja fechada. A fachada nada tem de relevante. Na Rua João de Deus está instalado o Sabóia Atlético Clube, em casa de aspecto insignificante. Já a que tem os CTT como inquilino é uma casa de assinalar.

Voltamos à EN266 a demandar Santa Clara-a-Velha, a 5 km. Antes de lá chegarmos visitamos a barragem de Sta. Clara, imponente, com uma envolvente de vegetação notável, e junto, verificámos a existência de estalagem do mesmo nome.

A aldeia tem, à entrada, um posto de abastecimento e ao lado um restaurante onde tratamos de matar a fome, mas, antes, aproveitamos para visitar a capelinha, ali mesmo em frente, que estava de portas abertas e nos deixou agradavelmente surpreendidos pela singeleza e brilho dos dourados do altar-mor.

O almoço até foi melhor do que esperado. Outros comensais estavam já ocupados no acto de mastigação e pelo que vimos decidimos pelo bacalhau-à-chefe. Bem decidido. Com vinho tinto, sobremesa doce e café pagamos 19,05 euros.

No lado direito da capela existem duas ou três casas comerciais e o Sporting Clube Santaclareense. O sítio é a Praça Dr. Oliveira Salazar! Aqui é Baixo Alentejo!

No propósito de identificar o lugar deambulamos e logo identificamos uma bela instalação escolar, arquitectura estado novo, por sinal em muito bom estado, e seguindo a sinalização de "Fonte" fomos encontrar um lugar bizarro, com mesas e bancos de pedra, instalação para merendar e onde se assinala que a fonte, com uma imagem de senhora, artesanal, em nicho apropriado, foi construída em 1892, e em quadro de azulejo a legenda, muito original, como se lê: Quem desta água beber a sede há-de matar! No regresso reparamos que na frontaria de uma pequena casa, como braço, está uma placa, artesanal, representando os sete ofícios: uma curiosidade.

Seguiu-se uma pequena paragem, na unidade de turismo itinerante, aproveitada para uma leitura transversal do jornal: o medonho que é a vida, agora, nesta país, está ali espelhado, reflexo do que se passa por aí. Há mais que muita gente a falar da crise instalada e já apregoando a revolução que, dizem, está para breve... O cronista de gabarito que é Miguel de Sousa Tavares, a propósito de um artigo do general Garcia Leandro, do Observatório da Segurança, vem desdramatizar a declaração do general de que o país caminha para a revolução: "a explosão social está a chegar. Vão ocorrer movimentos de cidadãos que já não podem aguentar mais o que se passa", disse o general Garcia Leandro. E Miguel Sousa Tavares enfoca o problema na promiscuidade entre político e privado. Este arrazoado está na boca de muitos: estamos a chegar à rotura, pelos vistos.

Falta mesmo é quem lidere. Até Manuel Alegre diz: "o povo está à espera de uma Maria da Fonte qualquer ou de um salvador qualquer, seja quem for". "Já fui convidado para encabeçar um movimento de indignação contra este estado de coisas", disse o general. Meus Deus, quantos como eu, vivem em aflição. Não pelo que há-de vir, mas pelo que todos os dias nos é imposto por um poder salafrário e sem vergonha, incompetente. E, acredito, corrupto. Venha o que venha, mas venha qualquer coisa depressa, que nos dê a medida dum novo tempo, em que todos tenhamos de nos empenhar. Que seja premiada a iniciativa, que a responsabilidade individual seja instituída.

Reiniciemos viagem, pois é para arredar da consciência os factos perturbadores do dia-a-dia que a fazemos. A estrada vai levar-nos a São Martinho das Amoreiras, a 21 km, pela N393. De quando em vez atravessamos túneis, entre pinheiros espectaculares, e, de onde em onde, mimosas, exuberantes de mimosas, na berma, para nosso deleite. A povoação aparece-nos no lado esquerdo. Estacionamos. Vencida uma pequena encosta encontramos-nos no Largo Adelino Amaro da Costa – estamos no Baixo Alentejo! Esta personalidade foi membro do CDS, só para que conste. No largo, inclinado, destaca-se a igreja, sem interesse particular, que para se alcançar obriga a vencer uma dúzia de degraus. De resto nada que mereça reparo.

Daí rumamos a Garvão, a 9 km, pela N393. O lugar, de casas baixas, constituído por cinco ruas que confluem para o largo, de onde se parte para o campo de touros e na direcção contrária para a igreja. A igreja possui um portal rico, apreciável. Para lá chegar atravessámos um riacho seco, onde desaguam águas não identificadas, pareceu-nos. Registamos a existência do Grupo Coral Feminino Flores de Maio, numa pequena casa junto da igreja e uma Associação de Festas e Romarias que pelo aspecto da sede já se deixou de festas e romarias há muito.

Tomamos o caminho para Odemira, que dista 39 km. Como a estrada atravessa campos e montes, ora ligeiramente inclinados ora planos, mas quase sempre sem qualquer cultura, nesta monotonia lá vem à baila o momento nacional: a falta de vergonha de quem recebe chorudos vencimentos e recompensas faraónicas, e reformas milionárias, e prepara lugares em empresas a partir de posições de governação. Mas, eis que a estrada começa aos esses e a descer pronunciadamente. Há que estar atento, deixar para trás conjecturas negativas.

- Eia! Uma vara de porcos!... Não, são dez ou doze! Ora! Afinal são uns oito... E foi o que vimos neste quilómetros até Odemira!

Chegamos a Odemira com a tarde a cair. A entrada faz-se por uma rua com dois sentidos mas em que

quem entra perde a prioridade porque em alguns troços não há lugar para mais de um carro. Chegados à zona do Tribunal, edifício de grande porte, estamos no centro: é tempo de procurar lugar para passar a noite.



Abaixo da rotunda, com o seu monumento **“a árvore da sucata”**, peça de admirar, junto a um posto de abastecimento, encontra-se o cais, zona ajardinada, na margem do rio Mira. Ali estacionamos. O grasnar dos patos e gansos levou-nos ao passeio junto do rio e a constatar as boas condições pedonais daquela área que, já fim do dia, ainda mantinha movimento de pessoas cirandando. Ao lado do posto de abastecimento há um amplo café, restaurante, pastelaria, tabacaria e por ali nos quedamos apreciando o movimento e confortando o estômago antes de nos recolhermos. Noite fria. Apeteceu aquecer o habitáculo.

Ao acordarmos demo-nos conta de movimento inusitado em volta da nossa unidade de turismo itinerante: eram dezenas de ciclistas que se agrupavam para dali partirem para o seu passeio domingueiro. Não eram só os participantes na prova ciclista, também os familiares de muitos participantes ali estavam em convívio fraternal, como público apoiante da efeméride. Assistimos curiosos e gostamos do que vimos.

Tínhamos lido num outdoor, ali no cais, que no lado norte se podia ver como, no antanho, as populações atravessavam o rio. Fomos a matar a curiosidade, por corredor formado de travessas de madeira assente em estacaria, que borda o rio deste lado, até depois da ponte que une as margens, e vimos como durante quatrocentos anos, as pessoas atravessavam o rio, naquele local. Ainda ali estão os pontos de amarração, numa e noutra margem, e um cartaz com o gráfico exemplificativo de como quer das margens, quer do próprio barco em que se deslocavam gentes e bestas, era possível movimentar o mesmo. Uma novidade. Dali partimos a explorar o centro: ruas apertadas de casario discreto apesar de alguns prédios de traça assinalável, como o da Câmara Municipal. Espaços ajardinados cuidados e limpos. Regressados ao cais percorremo-lo no sentido contrário e fomos encontrar, no final da zona urbanizada, uma praça redonda, em que pontua



Um “monumento”, que não posso deixar de referir: uns quatro paus quadrados de 15 cm, em L, com 5-6 metros, ligados entre si, ali pespegados, para alindar a praça. Um despautério! É uma tristeza constatarmos que em muitas cidades, vilas e aldeias se exibem grotescos “monumentos” de mau gosto, que chega a ser agressão intelectual aos conterrâneos e visitantes. O poder local, neste particular, é um couro de gente medíocre, mas... com poder e sem vergonha. Coisas destas não se deviam fazer nem a inimigos...

Rumamos a S. Teotónio, pela N120, a 15 km, lugar que muitas vezes cruzamos sem nunca nos determos. Surpreendeu-nos a dimensão do povoado que é francamente extenso. Casario de dois andares, muitos, e de rés-de-chão, muitíssimo. A igreja, a que afluíam os crentes, é pobre e desinteressante. O povo do lugar não deverá ser abastado. Destaca-se uma área de feiras e exposições. Haverá actividades, que não identificamos, que justifiquem a dimensão do povoado. Vimos gente descuidada e mal ataviada em volta dos bares, eram onze horas da manhã.

Partimos para Aljezur, a 43 km, pela N120, com o fito de visitar a praia da Amoreira, que nos agrada sobremaneira, e de que somos frequentadores. Há um largo espaço a anteceder o parque de estacionamento da praia, onde estavam aparcadas uma dúzia de AC e no parque junto do restaurante mais seis. Todas estrangeiras. Parece que não há proibições que possam impedir a circulação de autocaravanas. Cada vez são mais, e há zonas, como o Algarve, em particular, seja em que época for, que atraem os autocaravanistas em número sempre crescente. Há só uma maneira adequada de tratar o Autocaravanismo: regular, a nível Europeu, essa realidade que é, efectivamente o Autocaravanismo itinerante. Este assunto não diz respeito só a portugueses, diz respeito aos europeus, pois são eles que viajem, que se interessam pelas culturas dos demais povos, pelos seus costumes, pelo seu entorno, que há muito passou a ser o espaço comunitário Europeu.

Estamos na primeira semana de Fevereiro e o tempo é de Primavera.. O sol está radiante. O céu azul, a temperatura amena. Preguiçamos um pouco junto do mar. Na margem do lado sul está a nascer uma edificação destinada a restaurante, de dimensões apreciáveis. Mais tarde, no local, verificamos que foram construídos uns passadiços em madeira, para aproximar o acesso à berma da falésia. Parece que chegou aqui uma conformidade qualquer que será preciso respeitar não tarda nada. Os coitados dos visitantes têm de ser protegidos de si mesmos, não vão magoar os pés nas pedras do caminho. Não vão estatelar-se na arriba. Portanto, fiquem entre baías! Nada de descer à praia, por esta banda...

Fomos para o centro a demandar restaurante. Fora da época balnear, por estas bandas, fecha tudo que é negócio, porque não há negócio. Mas lá encontramos uma tenda aberta, por sinal, no centro mesmo junto à pequena ponte. Local já conhecido e que agrada pela confecção. Umam amêijoas para abertura e uma carne à alentejana, doce, vinho, café. Pagamos 27,00 euros. Confirmamos “in loco” o que víamos da praia da Amoreira e é como descrevemos acima. Claro que esta intervenção não nos agrada.

Regressamos depois de usufruirmos do repouso proporcionado pelo panorama que se vislumbra daquele

monte sobre a praia da Amoreira: o mar a perder de vista e os montes envolventes vestidos de verde. Um gosto.

Percorremos 247 km. Gastamos nos dois almoços, lanche e pequeno almoço, 58,75 euros. Um dia destes voltamos.

ETIQUETAS: ULISSES, VENCEDOR ABSOLUTO DO CONCURSO DE RELATOS EM VIAGENS DE AUTOCARAVANA